

## BIBLIOTECAS E LEITORES: ALGUNS RESULTADOS QUE NOS INTERPELAM

João Teixeira Lopes  
Lina Antunes

No âmbito da colaboração firmada entre o Observatório das Actividades Culturais e o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB) e com a colaboração de várias Universidades, elaboraram-se três programas de pesquisa, assentes na metodologia de estudo de caso, visando, com a continuidade temporal, estabelecer um mapeamento de situações singulares no panorama das instituições e práticas de leitura nacionais. Optou-se, então, por iniciar este projecto com três investigações: o levantamento da oferta cultural nos concelhos de Guimarães e de Mirandela<sup>1</sup>, o estudo das práticas e hábitos de leitura dos jovens de Coimbra e concelhos limítrofes<sup>2</sup> e uma monografia sobre a Biblioteca Municipal de Beja<sup>3</sup>.

No presente artigo daremos conta de uma díade frequentemente abordada nesses trabalhos: a biblioteca e os seus utentes. Faremos apelo, sempre que possível, a uma óptica comparativa, de forma a retirarmos destes exemplos esclarecimentos que nos ajudem na tarefa incessante de reformular os nossos quadros de análise sobre as práticas culturais<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> O trabalho de Guimarães, “Muralhas” e “Horizontes”: *a Leitura no Campo Cultural Vimaranesense*, foi realizado por André Aleixo e Rui Pedro Pinto e o de Mirandela, *Retrato Cultural: um Estudo Sobre Práticas de Leitura no Concelho de Mirandela*, por Sofia Alexandra Cruz, todos alunos finalistas do curso de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, orientados pelo Professor Doutor António Teixeira Fernandes.

<sup>2</sup> Realizado por Fernando Fontes, aluno finalista do curso de Sociologia da Faculdade de Economia de Coimbra sob a orientação do Professor Doutor Carlos Fortuna, tendo como título *Leitura Juvenil: Hábitos e Práticas no Distrito de Coimbra*.

<sup>3</sup> Elaborado por Ana Monteiro, aluna finalista do curso de Investigação Social Aplicada da Universidade Moderna de Beja, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Diogo Moreira e dos Mestres Maria Saudade Baltazar e José Palma Rita, tendo como título: *A Biblioteca Pública de Beja como Espaço de Interação*.

<sup>4</sup> Encontram-se no prelo, para publicação conjunta do IPLB e do Observatório, os trabalhos desenvolvidos, bem como um relatório síntese da responsabilidade do Observatório. Os indicadores apresentados neste artigo têm como fonte a informação estatística disponível nos trabalhos dos alunos finalistas, que na concretização das suas investigações se socorreram de metodologias quantitativas – designadamente inquéritos por questionário junto dos utentes da biblioteca – e qualitativas – entrevistas aprofundadas e observação *in loco*.

### *Um novo modelo de biblioteca*

As várias bibliotecas estudadas (Beja, Mirandela e Guimarães) possuem em comum o facto de estarem inseridas na Rede Nacional de Bibliotecas de Leitura Pública, fruto de protocolos relativamente recentes<sup>5</sup> estabelecidos entre a Administração Central (através do IPLB) e as autarquias da Administração Local. Uma das características mais salientes prende-se com o cuidado empregue na configuração arquitectónica dos edifícios que lhes servem de suporte. A biblioteca de Beja, por exemplo, para além de estar situada no centro da cidade, num local de fácil acesso e contíguo a outros equipamentos de grande visibilidade, foi concebida para funcionar como um convite irrecusável ao transeunte: sobriedade nas cores e materiais, a sugerir transparência (vidro, mármore), profusamente iluminada, com um átrio amplo e acolhedor e uma escadaria onde figuram colunas de livros ("equilibradamente desordenados" [Monteiro, 1998: 42]) esculpidas no mármore branco. Por outro lado, o próprio interior é pensado de forma a que a sua organização e decoração seja um prolongamento do projecto subjacente ao funcionamento da instituição.

De forma sintética (e correndo o risco de algum reducionismo) poderíamos resumir nos seguintes eixos o novo modelo de biblioteca consubstanciado nos casos em estudo:

- *polivalência*, assente, antes de mais, na multiplicação de espaços, de diferentes funções e por vezes com públicos específicos (auditório, cafetaria, sector audiovisual – incluindo vídeos, CD's, CD-ROM's e internet –, espaço infantil, centro de recursos pedagógicos, etc.);
- *divulgação e animação cultural*, assumindo o seu papel de mediação e de aproximação a públicos alargados, mediante a proliferação de iniciativas, directa ou indirectamente relacionadas com o livro (leitura dramatizada, debates e conferências com escritores e outros criadores culturais, feiras do livro, exposições, comemoração de datas simbólicas, realização de concertos, animação de rua, etc.);
- *estratégias inclusivas de democratização cultural*, baseadas no princípio, explicitado pelo director da biblioteca de Beja, de que a lógica prioritária é a de servir os interesses das pessoas e não o das instituições ou dos objectos (o que constituiria um grave sinal de alienação...), com reflexos no regime de livre acesso a qualquer publicação ou documento, na multiplicação de serviços e, ainda, na diversidade de géneros literários e de suportes, do livro ao jornal, passando pela revista. Pretende-se, desta forma, afastar

---

<sup>5</sup> Entre finais dos anos 80 e início dos anos 90.

qualquer tentação de exercício de *violência simbólica* pela imposição de uma determinada modalidade de gosto;

- *aposta forte no marketing e na “sedução”*, através do estabelecimento de cumplicidades com os utentes ou de “surpresas” que subvertem o quotidiano<sup>6</sup>;
- *estabelecimento de redes de contactos e parcerias*, de forma a estimular o intercâmbio e a abertura ao exterior, possibilitando a circulação de informação e a co-organização de iniciativas<sup>7</sup>;
- *atenção especial às populações desfavorecidas ou debilitadas*, como é o caso de certas franjas de idosos, desempregados, populações prisionais e minorias étnicas.

Em suma, as bibliotecas em estudo adoptam uma postura de intervenção social<sup>8</sup> activa (não são instituições neutras nem tão-pouco actuam num vácuo social), assumindo o seu estatuto de biblioteca pública, com a responsabilidade de uma acção territorialmente delimitada, aberta às dinâmicas sociais emergentes, dirigindo energias para a fidelização e alargamento de utentes numa óptica de desenvolvimento democrático.

### *Leitores: competências, relacionamento com a leitura e origem sócio-cultural*

Não surpreende a generalizada constatação de que os públicos das bibliotecas municipais estudadas apresentam uma acentuada juvenilidade<sup>9</sup>. Por um lado, as exigências escolares obrigam a um intenso uso instrumental da leitura; por outro, beneficiam de níveis de escolaridade superiores às demais gerações. A esmagadora maioria desses jovens são estudantes, mantendo, por imposição das actividades curriculares, contacto com as instituições de difusão e prática da leitura, sendo que as inserções precoces no mundo do trabalho, resultado, frequentemente, de situações de abandono e de insucesso escolar, conduzem ao afastamento das instituições onde a leitura é

---

<sup>6</sup> Dois exemplos. Na Biblioteca Municipal de Beja "as técnicas de persuasão são jogadas a favor, sendo a criatividade um factor que se rentabiliza ao máximo. Por exemplo, livros à solta pelas mesas, onde tiras de papel branco com letras negras suplicam: 'Leve-me consigo!' (Monteiro, 1998: 58). Na Biblioteca Municipal Raúl Brandão (Guimarães), uma das iniciativas de maior sucesso, feita em colaboração com as padarias do concelho, consiste no programa "Pão com Poesia" onde os sacos oferecidos para transportar o pão são aproveitados para a impressão de poemas, constando no verso uma pequena nota biográfica sobre o autor.

<sup>7</sup> A Biblioteca Municipal de Guimarães, por exemplo, encontra-se inserida na IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions –, enquanto que a Biblioteca Municipal de Beja integra a Rede Europeia de Bibliotecas por Timor.

<sup>8</sup> Como afirma Figueira Mestre, responsável pela biblioteca de Beja, "a nossa responsabilidade não se esgota dentro da biblioteca" (Monteiro, 1998: 54).

<sup>9</sup> No caso de Beja 69,4% dos utentes inquiridos têm até 24 anos; em Guimarães 81,1% não ultrapassam os 25 anos e em Mirandela 57,9% enquadram-se no escalão 15-20 anos.

cultivada. Claro que, por si só, o prolongamento da escolaridade não conduz automaticamente a práticas regulares de leitura. Podem, inclusivamente, verificar-se fenómenos de autêntica *regressão cultural*, uma vez de regresso a contextos familiares muito pouco capitalizados em termos sociais e culturais, traduzidos em "processos de efectiva anulação de aquisições feitas na escola" (Pinto, 1996).

Não deixa de ser curioso, no entanto, verificar que a origem sócio-cultural de uma boa fatia dos leitores indicia processos de socialização marcados por um relativo distanciamento face à escola, com inevitáveis consequências ao nível de um *défice de familiarização* face à constelação cultural vigente no sistema formal de ensino. De facto, nos utentes da biblioteca de Beja apenas uns escassos 16% desenvolveram um forte relacionamento primário com a leitura<sup>10</sup>. Aliás, a esmagadora maioria dos pais dos inquiridos possui um nível de escolaridade inferior ao terceiro ciclo<sup>11</sup>, sendo que cerca de um terço apenas completou o ensino básico, apesar de haver igualmente uma sobre-representação de pais com o ensino superior. Situação que encontra continuidade nos estudos realizados nas bibliotecas de Guimarães e de Mirandela<sup>12</sup>. Uma parte significativa dos utentes das bibliotecas, apesar de ainda não ter completado o seu percurso escolar, possui já um capital escolar superior ao dos progenitores. O que nos obriga, inevitavelmente, a rever profecias de teor catastrofista sobre a aquisição de hábitos de leitura. Se, apesar dos fracos capitais escolares de origem, os jovens estudantes frequentam as bibliotecas, tal deve-se à influência múltipla e cruzada de diversos agentes de socialização, nos quais se podem enquadrar as próprias bibliotecas enquanto locais onde se acede de forma crítica e diversificada à chamada "sociedade da informação". Segundo os trabalhos realizados, entre esses agentes destaca-se, designadamente, o papel da escola (em termos das exigências curriculares e da influência dos professores) e das redes de sociabilidade informal protagonizadas pelos grupos de amigos. No primeiro caso, importa destacar a função marcadamente instrumental da biblioteca (e da própria leitura), encaradas como resposta a necessidades escolares ligadas ao estudo. No caso dos amigos, surgem como uma das principais fontes de conhecimento da instituição, a par de circuitos alternativos informais por onde passa um conjunto de informações respeitante ao universo dos livros, ao funcionamento da biblioteca e às suas actividades. Aliás, uma parte significativa dos inquiridos realça na biblioteca a sua função convivial, inerente à estruturação dos quotidianos juvenis.

---

<sup>10</sup> O índice de relacionamento primário com a leitura foi construído com base na definição proposta por Freitas, Casanova e Alves (1997: 85). Este índice resulta da conjugação de duas variáveis: a leitura de livros lidos ao inquirido por parte dos familiares na sua infância e a frequência com que o inquirido costumava ver os seus familiares a ler. É constituído por três níveis de relacionamento com a leitura: um "nível forte", para aqueles que indicam que os familiares tinham por hábito ler-lhes livros e que costumavam ver os familiares a ler muitas vezes; um "nível médio", para aqueles que reúnem apenas uma destas condições, e um "nível fraco", para os que não reúnem nenhuma das condições.

<sup>11</sup> 71,7% dos pais e 68,8% das mães.

<sup>12</sup> Em Guimarães 39,3% dos pais e 40,6% das mães completaram apenas o ensino primário. Em Mirandela 51,4% dos pais e 50,0% das mães não ultrapassaram o mesmo nível de ensino.

Por outro lado, poderemos ainda questionar a ideia de um *destino social* precocemente estabelecido, como se os pioneiros anos da socialização primária abrissem ou fechassem de forma irreversível os campos de possíveis. Pensar desta forma levar-nos-ia, aliás, a resvalar para um desencantado pessimismo, inibidor de qualquer iniciativa de mediação e animação cultural.

Além do mais, a posse de um capital escolar não se traduz automaticamente em incorporação de capital cultural. De facto, os grandes leitores, como os trabalhos de Guimarães e Mirandela demonstram, constituem um grupo residual mesmo no interior das fracções de classe mais escolarizadas, ligadas a profissões qualificadas de enquadramento (quadros superiores) ou de cariz intelectual e científico. Na esteira de anteriores estudos<sup>13</sup>, parece-nos legítimo adiantar que a escolaridade não é uma *condição suficiente*, embora necessária, para a intensidade de certas práticas culturais, como é o caso da leitura. Assim, impõe-se reflectir sobre os processos de aquisição de disposições, moderando, ao mesmo tempo, a veleidade de tudo querer explicar a partir de conceitos como o de *habitus*. Neste sentido, importa recolocar no debate a importância do carácter permanente da socialização, bem como questionar a durabilidade e o determinismo da aprendizagem familiar.

Em síntese, parece-nos que terá validade a pertinência de considerar como profícuos os princípios de acção cultural que colocam a ênfase no cruzamento de repertórios e referências associados às redes de inserção dos praticantes culturais. Do mesmo modo, fará todo o sentido apostar em equipamentos estruturantes, geridos de acordo com estratégias de inclusão social direccionadas para a reconversão democrática dos *habitus* primários. O desenvolvimento cultural – o desenvolvimento em geral – também passa por aqui.

## BIBLIOGRAFIA

- FREITAS, Eduardo de, CASANOVA, José Luís e ALVES, Nuno de Almeida (1997), *Hábitos de Leitura – Um Inquérito à População Portuguesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- MONTEIRO, Ana (1998), *A Biblioteca Pública de Beja como Espaço de Interação*, policopiado, Beja, Universidade Moderna.
- PAIS, José Machado (coord.) (1994), *Práticas Culturais dos Lisboaetas*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- PINTO, José Madureira (1996), "Lados encobertos da iliteracia (1)" in *Jornal de Notícias*, 23 de Janeiro.

---

<sup>13</sup> Cf., por exemplo, Pais (1994).